

CAIXAS ABERTAS

A Indecidibilidade nas teorias urbanas de Solà-Morales

OPENED BOXES

Indecidibility in Solà-Morales' urban theories

A. Alexandre Dias Guarino

Mestrando, Universidade Presbiteriana Mackenzie, Brasil
aledg@zarquitectura.com.br

RESUMO

Ao final do século XX, Ignasi de Solà-Morales e os cofundadores de *Anyone Corporation* trouxeram novos conceitos, entre eles a Indecidibilidade. Os artigos apresentados por Solà-Morales na série de conferências abordaram estes conceitos e aqui estudamos seus trabalhos que tratam do meio urbano. A Indecidibilidade aplicada às cidades e ao urbanismo.

Palavras-chave: Ignasi de Solà-Morales, *Anyone Corporation*, Indecidibilidade, *Terrain Vague*.

Linha de Investigação: 1: Cidade e projeto.

Tópico: História Urbana e História do Urbanismo.

ABSTRACT

At the final years of the late twentieth century, Ignasi de Solà-Morales and the fellows' founders of *Anyone Corporation* brought us new concepts, which the undecidability was one of them. The articles presented by Solà-Morales at the series of conferences approached these concepts. This essay focus on the articles that contains his thoughts on the city and urbanism. The concept of undecidability applied to urbanism.

Keywords: *Ignasi de Solà-Morales*, *Anyone Corporation*, *Undecidability*, *Terrain Vague*.

Research line: 1: City and project.

Topic: Urban History and History of Urbanism.



Fig. 01 Trecho de fotografia em grupo, *Anyway* (1993) – Fonte: Davidson (1994: 11).

Introdução

Durante a última década do século XX foram realizadas dez conferências anuais espalhadas pelo globo, estes foram os eventos da *Anyone Corporation*, uma empresa destinada ao fomento de ideias, a discussão da disciplina Arquitetura no fim do século XX. Esta empresa era baseada em uma série de conceitos traçados por seus fundadores, os arquitetos e teóricos Peter Eisenman, Cynthia Davidson, Arata Isozaki e Ignasi de Solà-Morales.

Os conceitos principais da companhia eram a multiculturalidade, a multi e transdisciplinaridade, a globalização e a Indecidibilidade, o conceito-chave de todo este empreendimento. Este conceito, a Indecidibilidade, é a habilidade de abrir as ideias, deixá-las livres e dispostas a constantes revisões, é um frequente agenciamento, desagenciamento e reagenciamento de pensamentos, uma constante deleuziana.

Somando-se conceitos publicados por Foucault, Derrida, Deleuze, Guattari, entre outros, ela inspirou e alimentou as discussões das conferências, com debates em arranjos multidisciplinares ao longo dos anos, não buscava uma conclusão, mas sim evidenciar possibilidades de como se via a arquitetura ao final do milênio.

Esta Indecidibilidade não é somente a habilidade de deixar as coisas não decididas, também foi a disposição de contar com os conceitos do fluxo, de uma história aberta e a certeza de um futuro incerto, contando com o caos, não como uma desordem, mas como uma extrema complexidade que se desdobra a cada instante, sem planejamento prévio.

Este termo (Indecidibilidade), foi o conceito que norteou as conferencias de *Anyone Corporation*, uma ideia, um pensamento que segundo Cynthia Davidson (2004) “[...] não só sugeriu que nada estava fixo em termos do pensamento arquitetônico mas também que ambos, história e o futuro, poderiam ser vistos como não decididos, isto é, como referentes não mais fixos. [...]” De fato, a partir dos conceitos do pós-estruturalismo questões como a multiplicidade do ser, o fluxo, a arqueologia do conhecimento, a desconstrução entre muitos outros trouxeram a noção de abertura, de definições momentâneas que estão a espera de mudanças e revisões.

Solà-Morales como um dos idealizadores de *Any* (chamaremos a *Anyone Corporation* de *Any* a partir deste momento) foi corresponsável em sua conceituação, logo a Indecidibilidade esteve presente nos artigos que publicou nas conferências *Any* e mesmo em outras conferências ocorridas nesta década, o que nos leva a algumas perguntas como a seguinte: Seria a presença deste conceito o que torna seus artigos atuais? E como esta Indecidibilidade configura um pensamento urbano? Com isso, se estabeleceu a análise da presença deste conceito em quatro artigos: “Colonização, Violência, Resistência” que foi publicado na conferência *Anyway* de Barcelona em 1993; “*Terrain Vague*” que foi publicado na conferência *Anyplace* de Montreal em 1994; “Superposição urbana: a cidade de Marselha” publicado na conferência *Anywise* de Seul em 1995 e o artigo “Presentes e Futuros: A arquitetura nas cidades” publicado no catálogo da exposição de mesmo nome do XIX Congresso da UIA no ano de 1996.

Esta análise é feita com o uso de alguns métodos tradicionais, como a revisão bibliográfica e fichamentos críticos, e também com o uso de mapas mentais e conceituais dos próprios artigos como meio de desmontar seus conceitos e assim, ao localizar o uso da Indecidibilidade estabelecer qualitativamente seu modo de aplicação.

1. Colônias, violências, políticas e reações

No ano de 1993, foi realizada a conferência *Anyway* em Barcelona, lá os conferencistas foram clamados por Solà-Morales e Josep Ramoneda a debater a política da Arquitetura, seu modo de pensar e praticar, como a arquitetura e urbanismo conformam politicamente o espaço urbano.

E Solà-Morales discorre em seu artigo e apresentação sobre colonização, violência e resistência - sendo também o título do texto - sobre os diferentes tipos de colonização, das primeiras colônias romanas à colonização do capitalismo tardio, conhecido por neocolonialismo. Colonização, colonial, colono vêm do latim *colonus*, que é o camponês que se instala no território ocupado militarmente pelos legionários romanos, aquele que se encarrega de cultivar o espaço dominado.

Por sua vez, o colono quando efetivamente domina o seu território se converte em *dominus*, o senhor e dono do lugar. E o cultivo do território seja por maio de comércios ou culturas (agrícolas ou não) é o responsável pela destruição do existente a reconstrução de algo novo, uma nova forma de riqueza.

O autor aborda que em toda colonização há a presença da violência, esta é decorrente da colonização, devido à intervenção militar ou de outra sorte. Este ato gera resistências que se mostram por meio de ações igualmente violentas em resposta direta, um certo “terrorismo”, ou por atos ditos astutos e inteligentes, onde se observa uma crítica um pouco mais elaborada, sendo neste contexto, colonização como ação inicialmente militar é violenta, Solà-Morales diz: “A violência da *ocupação* militar se consolida numa violência de *domínio* que através do artifício *do cultivo* obterá uma produção *nova*.” (Solà-Morales, 2009: 52, grifos do autor)



Fig. 02 Construção da *Avenue e l' Opera*, Paris, 1877 – Fonte: P.Delamontte – Davidson (1994: 123).

Este trecho identifica a capacidade transformadora dos meios colonizadores e neocolonizadores, seja por meio de influências militares, seja por meio de influências invisíveis. Neste caso, o meio cultural tem demonstrado grande poder de influência neste mundo globalizado, com sua forma de controle invisível utilizando da informação como um certo tipo de controle remoto.

No urbano, com o término da 2ª Guerra Mundial, a reconstrução das cidades destruídas trouxe uma colonização à Europa. A destruição de áreas inteiras contou com a efetiva aplicação dos pensamentos da vanguarda moderna, funcionalismo e velocidade.

É necessário a observação minuciosa de que toda intervenção, urbana ou arquitetônica, é um ato de colonização, como abordado por Solà-Morales. Com isso, devido ao fato de toda ação sempre demandar uma reação esta tende a ser de três tipos: submissão, delinquência e resistência. A submissão se resume a repetir padrões advindos da metrópole, a delinquência é a resposta da desobediência, é a reação por meios muitas vezes anárquicos e violentos. Por fim a resistência, esta tende a ser definida como uma

reação semelhante a delinquência, tendendo a atitudes “terroristas” e a outra forma é pelo uso com astúcia do conhecimento e da inteligência.

Este último ponto é tomado como o mais interessante por Solà-Morales, resultando em dois exemplos, tendo a resistência por meio da desconstrução, e sua base teórica pós-estruturalista, de certo modo como dito por Ignasi, esta forma de resistência seria “[...] mais que um caminho para a ação, é o delírio da inteligência.” (Solà-Morales, 2009: 60)

O contraponto é a arte e arquitetura minimalista, que com seu silêncio busca escapar da dominação por meio do vazio, da negação mesmo que momentânea dos elementos colonizadores e por mais que haja estas relações de colonização, violência e resistência em toda intervenção arquitetônica ou mesmo urbanística ela se encontra em aberto como um devir reação. A ação que é a intervenção como dito pode ser considerada um ato colonizador, por isso violento, e vai sim gerar uma resistência por meio de uma sorte de atores urbanos, e isto é uma prova da presença da Indecidibilidade.

2. *Terrain Vague*: territórios imprecisos

Em 1994, ele publicou e apresentou na conferência *Anyplace* ocorrida em Montreal, o artigo de “*Terrain Vague*” que por definição do próprio título já conta como algo aberto e impreciso, indecível desde sua escrita. Neste artigo Solà-Morales se utiliza das palavras francesas “*Terrain*” que pode significar terreno, território, local, espaço de intervenção, etc.; além de “*Vague*” que traz os mesmos significados da língua portuguesa, vago, vazio, impreciso, livre, etc. e alguns significados próprios do francês e suas raízes, como a origem alemã “*woge*”, que significa onda, fluidez. Este “terreno vago” ocupa seu espaço na cidade contemporânea, algo já bem debatido em numerosos artigos e dissertações, mas aqui o foco é a sua Indecidibilidade, o conceito por trás de sua definição e conceituação.

Este tipo de pensamento que lida com a Indecidibilidade, conta com a espera do inesperado, se tudo está aberto, com a possibilidade de mudanças, evoluções e contradições só resta ao arquiteto contar com o caos, trabalhar com ele, não contra ele ou tentar fazer uma simulação do mesmo, ressaltando que estes *terrain vagues* são espaços vazios, não ocupados, vacantes. Porém não são espaços necessariamente vazios de significado, de importância para a memória da cidade, são espaços cheios de possibilidades, de energias potencialmente armazenadas em sua existência. Ou seja, há sempre uma possibilidade de transformação urbana não definida. Desta forma, é encontrada a Indecidibilidade do *terrain vague*, a sua capacidade de ser aberto a qualquer possibilidade de intervenção. Que no caso Solà-Morales atenta que:

“Quando arquitetura e urbanismo projetam seus desejos no espaço vacante, um *terrain vague*, eles parecem incapazes de fazer qualquer coisa senão introduzir transformações violentas, mudando o estranhamento em cidadania, e lutando a qualquer custo para dissolver a magia não contaminada do obsoleto no realismo da eficiência. [...]” (Solà-Morales *Apud*. Davidson, 1995: 122-123).

Para evitar, ou minimizar tal violência, Solà-Morales propõe que se tome atenção com a continuidade dos espaços, a continuidade de seus fluxos, energias, ritmos, história e memória ao longo do tempo e pela perda dos limites. A constituição de um mundo estranho, e familiar, com contrastes e diferenças, de forma que a continuidade proposta respeite a complexidade contraditória do espaço residual. No fim o *terrain vague* é um lugar que está aberto, sempre esteve impreciso e liberto de classificações, porém conta com esta.



Fig. 03 Parcial de panorâmica de Postdammer Platz, Berlim, Alemanha – Fonte: Harf Zimmermann – Davidson (1995: 120).

3. Marselha: um plano urbano aberto

Os três artigos vindos das conferências *Any* foram apresentados seguidamente, 1993, *Anyway*, 1994, *Anyplace* e agora 1995, *Anywise*. Esta última ocorreu em Seul na Coreia do Sul, tentando refletir sobre vários temas dentre eles as expansões urbanas em grande velocidade de grandes cidades em países em desenvolvimento, a relação entre a produção em quantidade e a produção em qualidade da arquitetura e urbanismo, também a relação entre a tradição e a inovação na arquitetura e urbanismo.

Neste evento Solà-Morales apresentou um projeto, seu projeto para o Plano Urbano de Marselha, França (1993). A seguir, será apresentado este plano como concebido por Solà-Morales, e identificaremos a presença do conceito da Indecidibilidade. Neste projeto, Solà-Morales se baseou em uma análise da cidade na qual ele apresenta cinco pontos característicos de Marselha.

O primeiro é sobre a reconstrução da cidade após a 2ª Guerra Mundial, onde a cidade sofreu uma série de intervenções destinadas a sanar problemas de trânsito, com o uso de vias expressas, viadutos e demais obras pesadas. O *Panier* sofreu com despejos de alguns espaços, e a reabilitação de muitos edifícios, o

mesmo ocorreu no *Bourse*, considerado o coração de Marselha. Porém, ele nota que estas intervenções valorizaram a região sul em detrimento da região norte da cidade, o que denota uma certa falha tanto de coordenação quanto de intervenção, mal planejamento e execução.

O segundo ponto, segundo Solà-Morales, foi o trânsito, que precisava ser revisto. Marselha é uma cidade que se desenvolveu em um esquema radio-concêntrica, o que leva a concentração de todo o trânsito na região central e para aliviar de alguma forma o sistema, ele propõe nova via expressa e túneis na frente marítima da cidade.

O terceiro ponto é exatamente o *Panier*, o centro histórico de Marselha que ao longo dos anos se desconectou do restante da cidade. Já a quarta observação tem a ver com a perda de valor ao norte do *Vieux Port*, com muitos edifícios do século XIX que se encontram vazios, estes poderiam servir a habilitação e ao setor de serviços. O quinto e último ponto abordado por Solà-Morales se trata da perda de identidade. A cidade possui uma grande sobreposição, um tanto caótica, de estilos, ações, vias, meios, fluxos, enfim que impediam a captação da imagem da cidade em seu visitante.

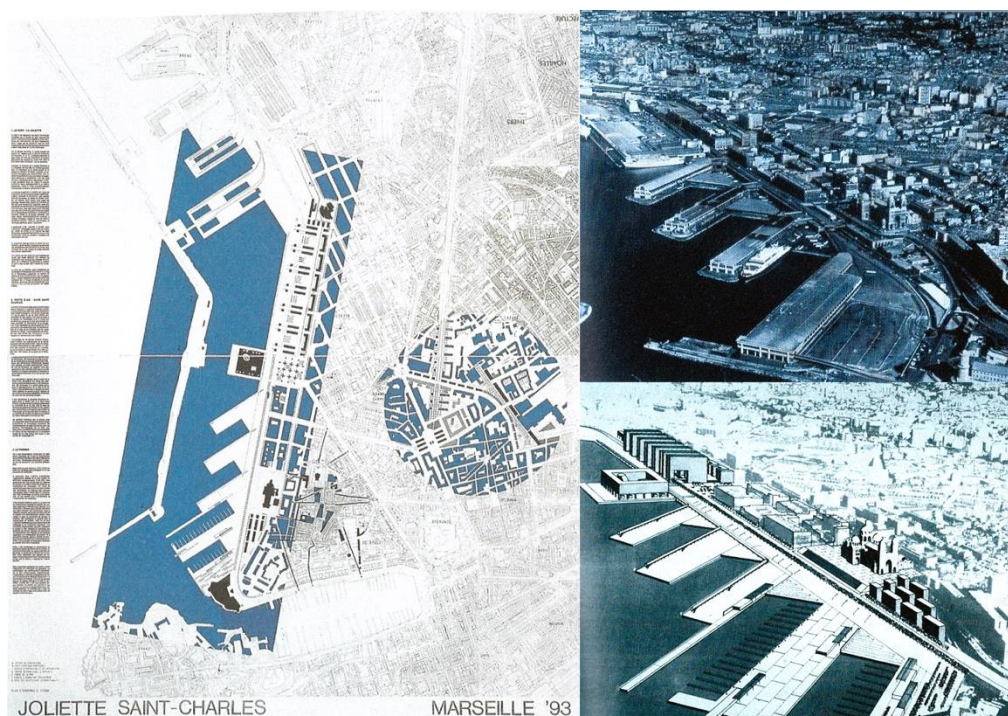


Fig. 04 Projeto Superimposição urbana: a cidade de Marselha, 1993 – Fonte: Solà-Morales (2009: 76) e Davidson (1996: 141 e 143).

Devido a estas análises Solà-Morales (2009, p. 83), descreve seu plano de intervenção urbana como uma mistura dedicada a cada uma das cinco regiões, ou pontos observados, de forma individual:

“Cada território estará sujeito a um método diferente de intervenção. No *Panier* será necessário atuar de uma maneira altamente contextual, como

corresponde ao encanto e à forma do tecido; na *Porte d'Aix*, que conta com um tecido mais recente, temos sido mais intrépidos na redefinição dos espaços públicos; e no caso do porto, uma zona de armazéns sem um carácter demasiado forte, o que se requer é a coragem para levar ao fim uma estruturação exemplar, com autoridade.” (Solà-Morales, 2009: 83).

Este projeto pode parecer bem definido e resolvido, sendo algo fora da proposta de Indecidibilidade, mas ele deixa claro em seu texto, ao final que este território fragmentado de Marselha e sua intervenção proposta podem gerar uma série de relações muitas imprevisíveis, que transformam a intervenção original provendo novas considerações para os tempos e projetos futuros, como pode ser observado nas palavras de Solà-Morales (2009: 83), abaixo:

“[...] Nosso projeto constitui, acima de tudo, uma reflexão global sobre o território e a relação que estas intervenções podem estabelecer com ele. Sobre a base deste compromisso geral, podem entrar em jogo outra série de considerações.” (Solà-Morales, 2009: 83).

4. Caos, turbulência e mutações

Em 1996, Solà-Morales participou ativamente do XIX Congresso da UIA, e publicou no catálogo da exposição *Presentes y Futuros. Arquitectura en las ciudades* (Presentes e Futuros. Arquitetura nas cidades, tradução nossa) um artigo de mesmo nome. Neste artigo, ele aborda uma visão da cidade. Visão esta que se divide em cinco formas: A forma da mudança: mutação; A forma do movimento: fluxos; A forma da residência: habitação; A forma da troca: recipientes e A forma da ausência: *terrain vague*.¹ A importância deste ensaio se deve a possível interpretação de uma visão urbana por parte de Solà-Morales; uma visão global que aborda esses cinco pontos fundamentais do urbano.

As cidades, no geral têm sofrido mudanças em suas estruturas, constantes mudanças que podem ser retomadas em comparações com as cidades de outros períodos, como as dos períodos pré-industriais, que se diferem das cidades-capital da Revolução Industrial e das cidades planejadas pelas vanguardas modernistas, visão esta que se origina da biologia, sendo que a noção de mutação traz para a arquitetura e urbanismo toda uma nova forma de abordar as questões da cidade.

Neste artigo, Solà-Morales ressalta nossos hábitos de abordar a cidade pelos métodos racionalistas - com seu conhecido padrão de planejar, urbanizar, construir - e pelos métodos orgânico-evolucionistas - no qual seus processos de baseiam no constante reajuste da relação morfologia-fisiologia, forma e tipo. Neste caso, a mutação traz ao rol de teorias urbanas e ideia do imprevisível, juntamente com os demais temas debatidos nesta época, como as noções de azar, *big bang*, turbulência, caos, entre outras.

¹ Tradução nossa de “La forma del cambio: mutaciones”; “La forma de la moción: flujos”; “La forma de la residencia: habitaciones”; “La forma del intercambio: contenedores” e “La forma de la ausencia: *terrain vague*”.

Toda cidade, por mais que evolua consistentemente está sempre sujeita a imprevistos que causam as mutações em partes da mesma, o que causam a longo prazo uma mudança total da cidade (pois antes da mutação a cidade era uma, e após a mutação ela não é a mesma), mas sim algo distinto, porém, que se refere ao que já foi. Muitas vezes, este elemento mutacional é o resultado da colonização, que usa da violência para ordenar a seu modo a cidade.

Como dito anteriormente, esta “colonização” usa da violência em suas ações, que levam à resistência, que pode ser de diversas formas, e algumas delas causam mutação na cidade, por exemplo a proliferação de autoconstruções não planejadas, não regulamentadas, não calculadas.

Solà-Morales (2002: 86-87) menciona a este respeito que:

“[...] A multidão de variáveis indefinidas que entram em jogo nas mutações edificatórias [...] não podem ser controladas apenas com instrumentos mais ou menos eficazes de gestão. Tudo aponta à necessidade de morfologias abertas, interativas, nas quais uns mínimos critérios sejam as únicas leis que organizem o rápido processo pelo que se passa de um estado urbano a outro. [...]” (Solà-Morales, 2002: 86-87).

Ou seja, a Indecidibilidade faz parte do método de se lidar com a mutação, pois esta capacidade de lidar com o não definido permite que os projetos com este mecanismo possam se reajustar no tempo e espaço ao longo de sua implantação e vida útil. Neste campo, o movimento, muitas vezes visto como o trânsito de usuários dentro de uma cidade. Este pensamento se deve à Carta de Atenas, onde a conexão entre os setores da cidade deveria ser fluida e contínua. Contudo neste artigo, Solà-Morales aborda o movimento como fluxo, conceito decorrente de estudos dos escritos de Deleuze e Guattari.

Há fluxos advindos dos meios de transporte, sobre e abaixo da terra, fluxos advindos da natureza como os ventos e brisas, fluxos controlados e planejados em encanamentos de toda sorte, fluxos das ondas de rádio, dos meios de comunicação, das energias e os tipos seguem sem fim. Todos estes fluxos formam redes e malhas que se sobrepõe *ad infinitum* (ao infinito). Desta sobreposição de malhas Solà-Morales observa o cruzamento delas, onde elas se interconectam, onde fluxos de informação encontram fluxos de mobilidade, onde fluxos da memória encontra com fluxos de mutação e isto provoca uma flutuação permanente, que Solà-Morales clama a provocar uma crise na arquitetura e urbanismo, uma crise de sua concepção, até então estática e permanente, e provoque a existência de arquiteturas móveis que lidam com estas redes de fluxos, sem tentar controlar, mas tirar partido delas para que seja receptora de qualquer tipo de troca, ou intercâmbio.

Neste ponto Solà-Morales (2002: 90), assevera:

“Com certeza, esta situação coloca à arquitetura num *pathos* completamente distinto ao requerido pela velha *firmitas* vitruviana. Cortar e recortar pelas articulações de uma rede de distribuição, mas também criar as figuras e os

lugares através destes cortes e recortes, sem necessidade de outro tipo de mimetismos, é o desafio que a cidade e a arquitetura atuais não podem evitar.” (Solà-Morales, 2002: 90).

O tema Habitação é um dos tópicos mais discutidos quando falamos em cidade, afinal, todo usuário habita em algum lugar, algum endereço dentro das metrópoles ou nos seus arredores. Nesta questão, Solà-Morales apresenta alguns pontos em relação à habitação contemporânea.²

No primeiro ponto se encontra a habitação coletiva, o interesse de solucionar as defasagens habitacionais que sempre persistem em nossa sociedade urbana e nisto vemos soluções muitas vezes despóticas de arquitetos que pretendem solucionar esses déficits somente por meio de seu traço.

O segundo eixo se trata das habitações que possuem um grau de liberdade formal e conceitual bem amplo, habitações estas que tendem a ser de clientes específicos, como artistas e entusiastas, e mesmo dos próprios arquitetos. Estas moradias muitas vezes se encontram isoladas em seus lotes, feitas obras de arte em museus, porém estas casas, em geral edificações unifamiliares, tendem a ser laboratórios dos mais diversos para então inovar de forma aberta ao resto da cidade.

O terceiro ponto, segundo Solà-Morales, se refere às habitações autoconstruídas, as habitações sem projeto técnico, somente um planejamento vernáculo pelos habitantes das áreas periféricas, e “favelizadas”, nas grandes metrópoles do dito terceiro mundo, países pobres ou em desenvolvimento.

É descrito pelo autor um quarto ponto, que se assemelha ao primeiro, porém, é regido pelo mercado, tanto da construção quanto dos produtores de bens de consumo, como por exemplo fogões e geladeiras, móveis diversos, utensílios domésticos e todo um novo ferramental e novos materiais que causam a sua própria influência na produção da habitação. Com isso é possível produzir habitações que permitem um grau elevado de individualização do espaço, o que já é uma forma de Indecidibilidade pois não há um padrão prédefinido.

Ignasi de Solà-Morales propõe, em seu quarto ponto, uma nova categoria de edifícios na cidade, com que ele chama de recipientes, espaços às vezes públicos, às vezes privados, onde o usuário pode realizar trocas, sejam comerciais, culturais, educacionais, entre outros.

Estes espaços são geralmente fechados, organizados e controlados. Espaços que incluem em seus interiores o atendimento às necessidades do mais variado possível na gama de usuários.

Ao final do artigo, Solà-Morales remete ao artigo de 1994, *Terrain Vague*, que para ele é a forma da ausência. Um tipo de espaço que é vazio e cheio ao mesmo tempo, um espaço que a história e memória fazem parte de sua constituição tal como a identidade. O espaço onde a Indecidibilidade reina em absoluto e assim retomamos as duas perguntas do início: Seria a presença deste conceito, Indecidibilidade, o que torna seus artigos atuais? E como esta Indecidibilidade configura um pensamento urbano?

² Contemporânea ao seu artigo.

5. Últimas considerações

Sobre a atualidade de seus artigos, a resposta se mostra que por ter se baseado neste conceito dentre tantos outros abordados em cada um dos quatro artigos analisados, a Indecidibilidade conceituada em *Any* permitiu que os textos fossem abertos, não estanques dentro de sua escrita, e isso abre possibilidades, possibilidades de interpretação e crítica.

Os pensamentos urbanos aqui apresentados, põe a cidade como um meio imerso em um caos, onde as leis que o regem são desconhecidas, mas podem ser observadas e acompanhadas. Estes pensamentos urbanos lidam com a abertura conceitual cada qual a sua maneira. Solà-Morales buscou atender nos três primeiros artigos os objetivos das conferências *Any*, em *Anyway*, trouxe questões da política do espaço, e sua forma de ação e reação deixando frisado que esta reação é indecível. Em *Anyplace*, falou do lugar, mas do lugar vazio, às vezes esvaziado de usos, mas com significado na memória e no afeto de sua existência na cidade. Indecível em sua própria definição *terrain vague*.

Já em *Anywise*, Solà-Morales apresentou um projeto executado sua intervenção urbana na cidade de Marselha, aqui vê-se pouco da Indecidibilidade, mas ela está presente no aceite das possibilidades futuras.

O artigo “não *Any*,” “Presentes e Futuros (*Presentes y Futuros*)”, por se tratar entre outras coisas de um artigo apresentando um pensamento arquitetônico a respeito da cidade para servir de base à uma exposição ocorrida junto do XIX Congresso da UIA, trata de forma genérica temas complexos e que demandaria maiores aprofundamentos. No caso o objetivo deste artigo é identificar a Indecidibilidade presente nos textos de Solà-Morales, então identificamos como segue.

Com relação ao ponto da mutação, este conceito já se demonstra indecível por definição, pois toda mutação é ocorrida de formas fenomênicas, sem conhecimento e capacidade de previsão, a menos que seja uma mutação induzida, mesmo assim seu resultado ainda é incerto.

O fluxo, o único elemento a sobrar em um corpo sem órgãos, por mais que possa ser direcionado ele ainda é livre por definição. Estes fluxos quando em redes e malhas sobrepostos geram infinitas possibilidades de se definir pontos nodais, esta infinidade é indecível. A habilitação a parte mais fixa de uma cidade pode ser indecível, mas somente quando se adota o conceito de início, e se atém aos detalhes da individualização do espaço.

O recipiente se torna um conceito aberto pelo fato de atender uma gama enorme de possíveis usos, este campo da cidade se compõe por todo espaço construído que não é uma habitação. E por fim Solà-Morales retoma o *terrain vague*, e reitera a importância do vazio na cidade, do espaço livre e indecível. Ou seja, este é um jeito de se usar do conceito da Indecidibilidade para se ler e intervir na cidade, que segundo o arquiteto, é claro, esta capacidade de indecisão, indefinição e abertura. A partir destes artigos selecionados vemos uma cidade aberta, pronta para lidar com o inesperado, tentando diminuir ao máximo a violência das intervenções, e gerar resistências inteligentes e maleáveis, para uma cidade disposta pelo tempo a mudar rapidamente.

6. Referências bibliográficas³

DAVIDSON, C. (Org. Ed.) (1994), *Anyway*. Nova York: Anyone Corporation e Rizzoli International Publications.

Id. (1995), *Anyplace*. New York: Anyone Corporation e The MIT Press.

Id. (1996), *Anywise*. New York: Anyone Corporation e MIT Press.

KATO, V. R. e ABASCAL, E. S. Incursões Interdisciplinares: Mapas Conceituais como Instrumento Metodológico em Arquitetura e Urbanismo, *Revista CADERNOS de PÓS-GRADUAÇÃO em ARQUITETURA e URBANISMO*, São Paulo, V.17, N.2, 68-83.

SOLÀ-MORALES, I. (2002) *Territórios*, Barcelona: Gustavo Gilli.

Id. (2009) *Los articulos de ANY*. Barcelona: Fundación Caja de Arquitectos.

Id. (1996) *Presente y futuros: La arquitectura em las ciudades*. In SOLÀ-MORALES, Ignasi; COSTA, Xavier. *Presente y futuros. Arquitectura em las ciudades. Catálogo de exposição*. (Barcelona), Col·legi d'Arquitectes/Centre de Cultura Contemporània de Barcelona, 10-23.

Fontes Eletrônicas

Anyone Corporation. <https://www.anycorp.com> (consultado em 13/05/2018).

CCA - CANADIAN CENTRE FOR ARCHITECTURE. Anyone Corporation Fonds. Montreal. Acervo adquirido em 2001. <https://www.anycorp.com> (consultado em 30/05/2018).

³ Todas as obras e sítios em língua inglesa e espanhola foram traduzidos por nós para a pesquisa de mestrado com o tema *Anyone Corporation: Debates e produção teórica nas conferências "Any" (de 1991 a 2000)*, realizada na Universidade Presbiteriana Mackenzie.